

ABANDONAR-SE:**O ato de exumar do eixo temático ética e paradigmas do conhecimento****ABANDON YOURSELF:****The act of exhuming the thematic axis ethics and knowledge of paradigms**Luiz Eduardo Rodrigues Gasperin¹

Resumo

A escrita pretende “exumar” o processo de ensino do eixo temático *Ética e Paradigmas do Conhecimento*, pertencente ao rol de componentes curriculares do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) da graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). O que é ética? O que são paradigmas do conhecimento? Proponho agora a realização de uma “necropsia” dos resíduos encontrados. No entrecruzamento da ética e dos paradigmas trouxe para o diálogo, artistas e pensadores para serem nossos interlocutores: Amir Haddad, Bertolt Brecht, Boaventura de Sousa Santos, Giorgio Agamben, José Celso Martinez Corrêa e Luiz Fuganti. Culminando no término da disciplina com um experimento teatral, nomeado “erro aberto”, a partir dos escritos dos jovens e dos autores citados em um ato de abandonar e ser abandonado, “suicidando” a ética e os paradigmas.

Palavras Chaves: Ética, Ensino do teatro, Peça didática.

Resumem

Escribiendo objetivos a " exhumar " el proceso de enseñanza del área temática Ética y paradigmas de conocimiento pertenecientes a la lista de los componentes del plan de estudios del Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) graduação em Artes Escénicas en la Universidad Federal de Grande Dourados (UFGD) . ¿Qué es la ética? ¿Cuáles son los paradigmas de conocimiento? Ahora me propongo llevar a cabo una " autopsia " de los residuos encontrados. En la intersección de la ética y paradigmas traído para el diálogo, artistas y pensadores para ser nuestros interlocutores : Amir Haddad, Bertolt Brecht, Boaventura de Sousa Santos, Giorgio Agamben, José Celso Martinez Corrêa e Luiz Fuganti. Culminando al final del curso con un experimento teatral , llamado "error abierta" , a partir de los escritos de los jóvenes y los autores citados en un acto de abandono y ser abandonada , " cometer suicidio " ética y paradigmas .

Palabras clave: Ética, educación teatro, teatro didáctico.

¹ Bacharel em Artes Cênicas (UFGD). Mestrando em Artes-Teatro (UFU). Atuou no ano de 2014 como professor substituto na área de corpo e encenação na graduação em Artes Cênicas (UFGD). Membro fundador da Trupe Arte e Vida.

Abstract

Writing aims to "exhume" the teaching process of the thematic area Ethics and paradigms of knowledge belonging to the list of curriculum components of the Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) Graduation in Performing Arts at the University Federal da Grande Dourados (UFGD). What is ethics? What are paradigms of knowledge? I now propose to hold a "autopsy" of residues found. In the intersection of ethics and paradigms brought for dialogue, artists and thinkers to be our interlocutors: Amir Haddad, Bertolt Brecht, Boaventura de Sousa Santos, Giorgio Agamben, José Celso Martinez Corrêa e Luiz Fuganti. Culminating at the end of the course with a theatrical experiment, named "open error", starting from the writings of the young and the authors cited in an act of abandon and be abandoned, "committing suicide" ethics and paradigms.

Key Words: Ethics, theater education, learning plays.

Gênese

No princípio era apenas um sonho de se criar uma graduação em Artes Cênicas em Mato Grosso do Sul. Com o passar do tempo o sonho foi sendo concretizado e em meados de março do ano de 2009, a primeira turma de Artes Cênicas bacharelado e licenciatura (Noturno) passa a ser realidade na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Este curso de graduação, como alguns outros do país florescem após o programa de apoio a planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), sendo em 2008 a proposta de implantação do programa nesta universidade.

Uma das alterações após aprovação do REUNI foram de ordem curricular, a criação de eixos temáticos comuns na Universidade, cada curso agregou em sua grade curricular, seis eixos referentes ao programa de reestruturação, tendo em cada um deles, carga horária de 72 horas. Dentre os doze eixos incorporados pela instituição, seis deles foram destinados a Faculdade de Comunicação, Artes e Letras (FACALE), da qual o curso de Artes Cênicas integra. Um desses eixos recebe o nome de *ética e paradigmas do conhecimento*, pertencendo ao rol de disciplinas ofertadas no primeiro semestre aos graduandos em Artes Cênicas.

O eixo *ética e paradigmas do conhecimento* se constitui com a seguinte ementa²:
"Epistemologia e paradigmas do conhecimento; Conhecimento científico e outras

² Projeto político pedagógico do curso de graduação em artes cênicas - licenciatura e bacharelado. Disponível em: <<http://www.ufgd.edu.br/prograd/cograd/cgp/ppcs/artes-cenicas>>. Acesso em: 01 de maio de 2015 as 15h e 05 min.

formas de conhecimento; Conhecimento, moral e ética; Interface entre ética e ciência; Bioética. Com esse tracejado cada curso desenharia suas linhas de objetivo e o programa do eixo.”

Com esse panorama podemos avançar na história para o ano de 2014, para o ingresso da VI turma de Artes Cênicas. No percurso, me deparo com uma figura, o professor que assume o concurso para substituto e que vai ministrar este eixo. [Olho-me no espelho.] Vejo que esse professor sou eu. [Insight.] Ao me ver refletido, percebo em minha imagem um campo a ser explorado para iniciar a problematizar a ética e os paradigmas do conhecimento com meu corpo. Como seria o cabelo de um professor? Como seriam suas vestimentas? Quais as formas para se locomover ou parar? Que material expor em um primeiro dia de aula? [Tomo um copo de água. Abro uma mala com figurinos.] Invento uma persona que seja meu oposto, uma corporeidade séria, rígida e inflexível. Buscando com essa ação, questionar a forma do ensinar, corporeificando essa figura.

Ao primeiro sinal da palavra ética o que salta à atenção comum do cidadão é um chamado para que ele, ao ponderar seu sentido mais frequente e ordinário, procure ascender a uma postura de vida e de comportamento que por princípio o colocaria no caminho do Bem, seja de natureza espiritual, seja um Bem para a humanidade ou, simplesmente, uma disposição por parte daquele que é qualificado com atributos ditos éticos, a assumir um comportamento que tenderia para o tão propalado bem comum da sociedade em que vive.³

Neste trecho Luiz Fuganti aponta uma primeira visão sobre a palavra ética. Utilizo desse inicial ponto de vista no texto para refletir sobre a figura que foi criada. Uma persona atrelada aos ‘modelos’ éticos da obediência e do bem comum. Fortalecendo somente um pensamento que normatiza o sujeito. Não questionando os conceitos postos. A persona se coloca como redentor do conhecimento, sua metodologia buscava criar uma parede entre o professor e o aluno, distante da ideia de uma educação plural, sem espaço para o diálogo ou troca.

³ Fragmento extraído do texto *Ética como potência e moral como servidão*, de Luiz Fuganti. Disponível em: <<http://www.luizfuganti.com.br/escritos/textos/68-etica-como-potencia-e-moral-como-servidao>>. Acesso em: 01 de maio de 2015 as 14h e 50 min.

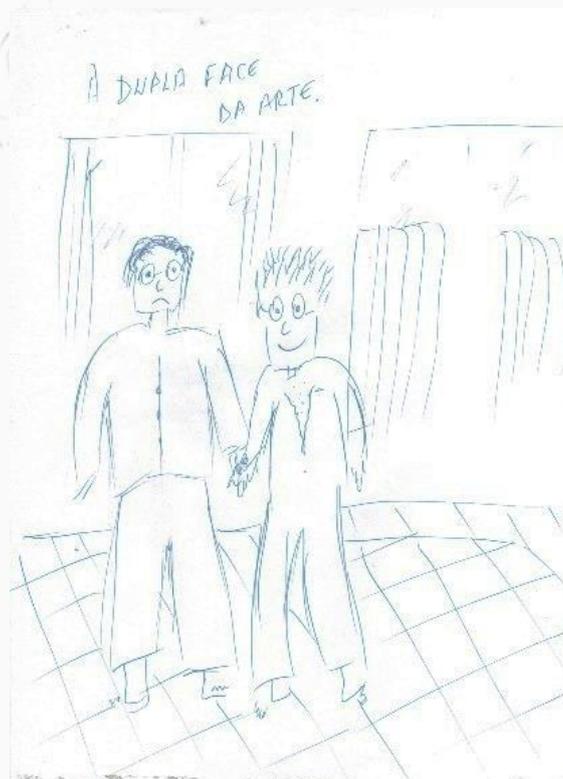


Figura 1 - desenho criado por um aluno, que não se identificou, para retratar o professor do primeiro dia de aula.

1º Abandono – O teatro, a ética e os paradigmas do conhecimento

Com uma aparência séria, uma camisa abotoada até o colarinho, calça extremamente lisa e escura, sapatos marrons, óculos de grau, cabelos penteados de lado e com muito gel. Com essa descrição, temos um primeiro olhar, ou melhor, um primeiro impacto. Ele adentra o espaço, ocupa toda a mesa grande que se localiza em um dos lados da sala, senta-se em uma cadeira preta e espera seus alunos.

O corpo cênico experimenta espaço e tempo potencializados e, também, o corpo cênico potencializa tempo e espaço. O corpo da cena investiga temporalidade e espacialidade, inventa minutagens e métricas, ocupa dimensões simultâneas do real. O nexos do corpo cênico é o fluxo. (FABIÃO, 2010, p.321).

O primeiro contato com a turma passa a ser representado como um teatro clássico, delimitando o espaço entre ator e plateia, a elevação daquele que fala, oposto ao desnivelamento daquele que vê e escuta. [Pausa, para um cigarro.]

A escolha dessa forma gerou um desconforto entre os alunos, uma acentuação do paradigma de um ensino antigo e ditatorial. Inicia sua aula dizendo sobre as regras de

ser um ator, a importância da arte da fala e do movimento para aqueles atuantes. Trazendo componentes de uma figura para cena virtuosa, que em sua fala busca o tom exato, a melhor execução, a plasticidade do gesto, a pronúncia exata e clara, uma postura retilínea alongada. Ao proferir essas falas, solicita que todos anotem cada palavra, para que nunca as abandonem durante sua trajetória de artistas.

Num ato de ruptura com o sistema dado, um aluno se levanta, questiona as ações daquela persona e se opõe aquela realidade. [Despir] O professor começa a abrir os botões da camisa e tira seus sapatos, tocando com os pés no chão, despenteia seus cabelos. Uma vazão liberada, posterior a um movimento de oposição daquele que se levanta e intervêm na forma imposta. Com a reação de tirar a roupa, entra-se na [Re]organização do corpo, que inicialmente seguia um modelo, e agora desnuda-se para prosseguir a reflexão com o tema proposto, discutir em movimento o ser ético e o detentor do conhecimento em sala de aula.

Na desconstrução o professor passa por um movimento de golpear a parede imaginária que o separava dos alunos para se colocar junto deles. Construindo um acesso horizontal entre o saber do professor e o saber do aluno, para que unidos construam novas redes de saberes.

Uma fratura no paradigma tradicional de ensino, uma persona que no primeiro momento se mostra rígida, fazendo alusões ao conhecimento como instrumento de poder e dominação. Como aconteceu na revolução científica do século XVI, escrita por Boaventura (2010), em que a ciência afirma-se como hegemônico e o conhecimento que não fosse dessa cadeia seria irracional.

Contrapondo o que foi visto, a figura séria se desmancha revelando um outro posicionamento frente ao conhecimento. Que utiliza como apoio as quatro teses do paradigma emergente desenvolvida por Boaventura Sousa Santos (2010): 1) o conhecimento científico-natural é científico-social; 2) o conhecimento local é também total; 3) o autoconhecimento é conhecimento; 4) o conhecimento científico busca constituir-se em senso comum.

2º Abandono – Desenhando o roteiro com os futuros abandonados

[Com meus pés descalços.] Recomposto da ação, os pés pisam o chão frio da sala de aula, para expor os rabiscos pré-construídos para o desenvolvimento desse eixo.

O traço inicial revela o pensador Giorgio Agamben ao escrever sobre ética: “A ética só começa no lugar preciso em que o bem se revela como uma apreensão do mal e em que o autêntico e o próprio revelam ter o inautêntico e o impróprio como conteúdos exclusivos” (1993, p.18). A frase do autor, entra em consonância com a persona apresentada aos alunos e descrita no 1º abandono, uma tentativa de fazer do corpo matéria que concretize a fala de Agamben. Procurando questionar o sujeito ético, no mundo, na universidade, na arte.

Continuando os rabiscos, apresento os objetivos do professor para com esse eixo temático: Discutir algumas noções de 'ética' a partir de encenadores brasileiros em seus 'modelos' teatrais, são eles: Amir Haddad e José Celso; Discutir as noções que a palavra 'conhecimento' sugere a partir de teóricos como Giorgio Agamben e Boaventura de Souza Santos; Desenvolver ações no estudo da peça didática *Aquele que diz sim & Aquele que diz não* do teatrólogo alemão Bertold Brecht como modelo de ação artístico-pedagógica escolhida para tratar de “ética”.

O plano de ensino se desenvolveu em duas etapas: Primeira etapa - Pontos de vista sobre a ética, suas relações com o viver, e o que ela gera no trabalho com o teatro. Os paradigmas do conhecimento em arte, como campo do saber. Segunda etapa - A peça didática de Brecht como tática de reflexão-ação do conteúdo estudado anteriormente, finalizando com uma ação cênica experimental, nomeada de “erro aberto”, no qual os alunos mostravam os processos que desenvolveram.

Para auxiliar no desenvolvimento das aulas, utilizou-se de instrumentos videográficos nas discussões teóricas, estabelecendo um diálogo entre as teorias descritas no papel, como em livros e artigos, e de outro lado o pensamento proferido pelos encenadores Amir Haddad e José Celso em formato de vídeo. O método de avaliação, ficou por conta da confecção de protocolos, após a aula, cada discente registrava da sua forma o momento experimentado em sala.

3º Abandono – Os componentes videográficos

Na composição desse estudo, foram expostos dois vídeos de fazedores de teatro que problematizaram as questões que vinham sendo discutidas nas leituras dos textos e artigos. Um encontro da teoria (texto científico) com a prática (o vídeo dos

encenadores), um cruzamento das visões e posições de ver o mundo, contribuindo com novas possibilidades de se discutir o conhecimento e a ética. Provocando uma tensão entre arte e vida e da vida na arte.

A exemplo disso o documentário de José Celso Martinez, intitulado *Evoé*⁴, assistido durante uma aula, levantou-se as questões das tentativas de normatização ao sujeito operada pelo sistema, através das redes de comunicação e do marketing; a real



Figura 2 - Protocolo pós vídeo documentário *Evoé* do aluno Caio Rojas

liberdade e a liberdade provisória do homem. Desdobrando na moral e nos valores, implantados pelo sistema.

Homens livres – com força suficiente para resistir e conjugar as ingerências de poderes alienígenas ao campo de imanência de uma sociedade civil – livres de um modelo de acumulações e consumo de energia mortificada e de produção de relações de troca ou de transmissão abstratas, que separam os homens de suas próprias capacidades de agir e de pensar.⁵

Homens como José Celso e Amir Haddad pertenceram ao movimento contracorrente da década de 60, concebendo suas encenações como manifestações, ritos da existência humana. Romperam paradigmas dominantes e manipuladores, estremecendo a relação entre vida e arte.

4º Abandono – Os registros

A opção de avaliação das aulas utilizou de protocolos⁶ como método de registro das investigações realizadas em sala. [Devaneios.] Tendo como regra para esse exercício a bidimensionalidade e a liberdade do uso de materiais. Apresentando no início de cada aula o protocolo do encontro anterior. O tempo destinado a criação ficava

⁴ Vídeo *Evoé filme completo em HD*. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=ZxkCQ7Nr4yU>>. Acesso em: 01 de maio de 2015 as 15h.

⁵ Fragmento extraído do texto *Ética como potência e moral como servidão*, de Luiz Fuganti. Disponível em: <<http://www.luizfuganti.com.br/escritos/textos/68-etica-como-potencia-e-moral-como-servidao>>. Acesso em: 01 de maio de 2015 as 14h e 50 min.

⁶ Caracteriza-se por ser um instrumento de avaliação que pertence ao gênero discursivo e é proposto pela pesquisadora Ingrid Koudela. Realizando uma conexão entre a fiscalização e a avaliação do sistema de Spolin e ainda do modelo de ação de Brecht.

a critério de cada aluno, sendo relatado por alguns deles que usavam de minutos vagos no trabalho, ou durante a viagem de volta, da universidade para seus municípios⁷.

Uma imagem encontrada entre os protocolos, foi esse que segue abaixo, por se tratar de um registro da leitura do capítulo *Ter lugar* de Giorgio Agamben, em relação com o vídeo *A função do artista*⁸, onde Amir Haddad aponta suas ideias do ‘ser’ que faz

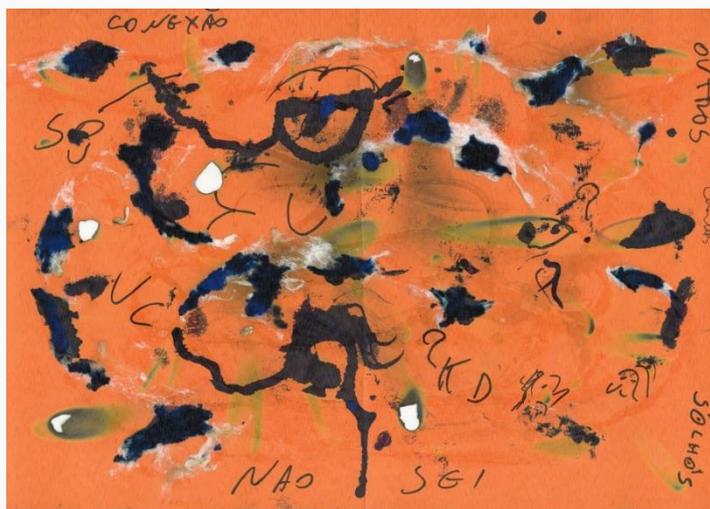


Figura 3 - Aluno Charles de Sousa Santos em uma imagem que relaciona o campo de conhecimento com a ética.

arte.

Outro protocolo colado nessa escrita, descreve um fichamento comentado do livro *Um discurso sobre a ciência* de Santos (1987). A cor das palavras no trabalho, são os impulsos da aluna no papel, descrito pessoalmente pela autora em aula; alguns comentários surgem como desenhos de linhas tortas, provocando o leitor a criar imaginariamente suas [Des]formas. Alun@s compartilhando seus conhecimentos e suas visões de

ética, o saber que nasce, que respira e que transpira ao longo dos anos através do registro.

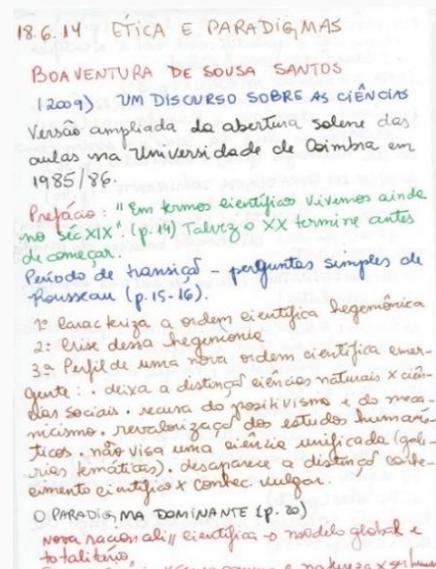


Figura 4 - Fichamento da aluna Isabel Cristina Jeronymo Mussoline.

⁷ Uma característica desse curso de artes cênicas noturno, é por ter uma grande parte de seus discentes que moram em cidades vizinhas à Dourados/MS. Gastando aproximadamente o tempo entre ida e volta de duas a quatro horas.

⁸ Vídeo *A função do artista* por Amir Haddad. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=W4LBnuHM>>. Acesso em: 01 de maio de 2015 as 15h.

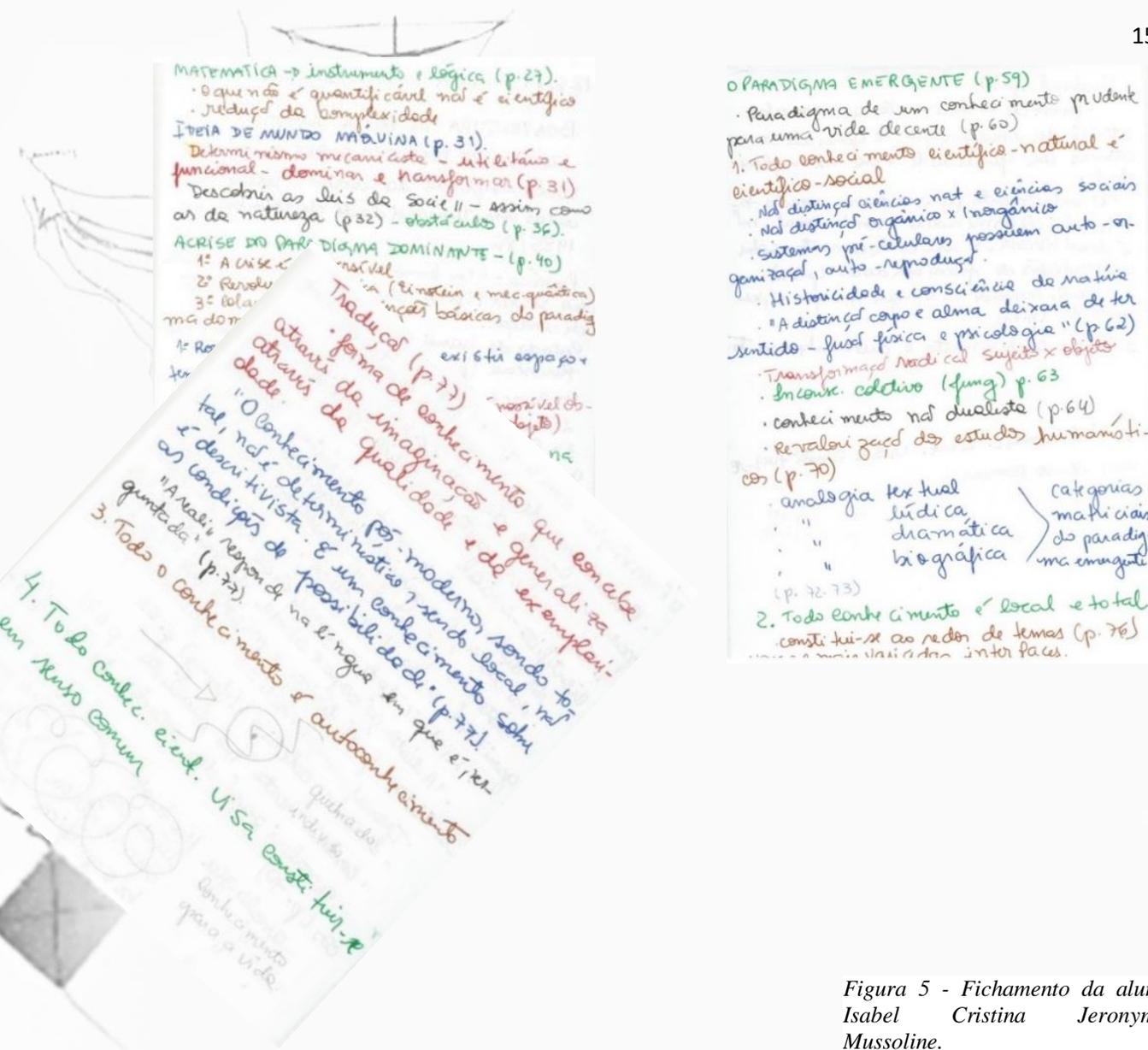


Figura 5 - Fichamento da aluna Isabel Cristina Jeronymo Mussoline.

5º Abandono – Aquele que diz sim e não

A peça *Aquele que diz sim & Aquele que diz não*, integra o rol das peças didáticas⁹ de Brecht, uma proposta que tem destaque o modelo de ação. A história trata

⁹ Escritas de 1928 até a década seguinte, Brecht queria com as peças; *O voo sobre o Oceano*, *A peça didática de Baden Baden sobre o Acordo*, *Aquele que diz sim/Aquele que diz não*, *A exceção e a regra*, *Horácios e Curiácios* e *A decisão*, além dos fragmentos *A decadência do egoísta Johann Fatzer* e *O Maligno Baal*, *o Associal*; criar uma peça que funciona-se como modelo de ação, para um fim investigativo, através da imitação e improvisação, por retratar os contextos sociais onde o homem deveria expor suas opiniões.

da saga de um menino que acompanha seu professor e grupos de estudantes numa viagem às montanhas em busca de remédios e instruções, em seu caso específico, a cura da doença de sua mãe. Durante o trajeto o menino não se encontra bem, acaba perdendo o folego na subida e não conseguindo passar pela escarpa estreita. A expedição depara-se com um velho costume: aquele que não consegue seguir viagem, por doença ou outro motivo, deve ser abandonado para que a expedição possa realizar viagem. Porém, antes, é preciso que se pergunte ao sujeito se ele quer ser salvo ou abandonado. O autor nos apresenta dois finais, um em que o menino diz que deve ser abandonado e que a equipe da expedição salve a sua mãe, diferente do segundo final, o menino diz que não quer ser abandonado, sendo contra ao velho costume.

A dramaturgia descrita acima, abre um espaço para escolha, colocando o leitor ou neste caso os alunos a escolherem entre seguir o velho costume e abandonar o menino, para alcançar um bem maior, ou dizer não ao velho costume, salvando a vida do menino. Os pontos levantados foram: Quais atuais costumes? Quem implanta um costume? Como negar um velho costume? Qual a ética do costume? Essas foram quatro perguntas norteadoras da discussão, após leitura do texto.

As respostas para esses questionamentos vieram em formato de ações como: ouvir uma música específica, imagens corporais paradas ou em movimento, fotografias, narrativas, reorganização de objetos pelo espaço da sala. Levantando possibilidades para criação com diversos materiais. Preenchendo as que já tinham sido vivenciadas e propondo novas.

6º Abandono – Erro coletivo e Palavras Finais

(Junto ao menino) Preste bastante atenção! Já que você está doente, e não pode prosseguir, nós vamos ter de abandoná-lo aqui. Mas é um dever de justiça que se pergunte, ao doente, se vale a pena voltarmos por causa dele. E manda o velho costume que o doente diga: “Não é preciso...” (BRECHT, 1929/30.)

Próximo aos últimos passos desse processo de ensino, abro o procedimento de criação do experimento cênico que finaliza as questões levantadas durante o eixo *ética e paradigmas do conhecimento*. Duas características marcantes no processo de criação das ações foram a utilização do coro e o texto autoral. O texto *Aquele que diz sim* *aquele que diz não* propõem o exercício do coro, com o personagem jovens estudantes, uma atividade que foi desenvolvida e se tornou um procedimento constante nas ações

dos alunos. O recorte pelo coro neste trabalho fixa-se no entendimento de Brecht (1978), que o grupo homogêneo provoque um efeito de distanciamento¹⁰. Para essa prática o grupo dividiu-se em três; um coro seria o menino, e os outros dois assumiram o papel do sim e outro do não. Desdobrando em improvisações que mesclavam o texto de Brecht e textos criados no momento; mudanças de situações onde o enredo da peça poderia ser o mesmo; conflito dentro do próprio coro, propiciando a intervenção de outras posições naquele grupo; testando possibilidades [Respiro fundo.] para construção cênica. Os textos autorais eram baseados em descrição de imagens, lembranças, inquietações pós leituras de textos, colagens entre pensamento próprio e palavras dos autores estudados; descolando-se da peça, para criar uma teia dramaturgica.

A continuidade do desenvolvimento desses procedimentos gerou três coros: O primeiro exaltava o paradigma dominante; o segundo buscava fraturar o método entorno do antigo costume; e o terceiro, que abandonava a posição de um grupo homogêneo, para que cada um exercite sua decisão para o sim, para o não, ou para nenhum dos dois. A escolha individual proposta no último grupo, contaminava todos os outros a desmanchar seus agrupamentos. Com essa definição, do objetivo de cada agrupamento, passamos as experimentações de locais para o enfrentamento desses pensamentos.

Os lugares para se exercitar os abandonos, foram discutidos coletivamente, sendo aceito a proposta de ser fora da sala de aula, local onde as discussões permaneciam após a aula. Um dos motivos que elucidam essa escolha são os paradigmas, que aqui denoto como ‘coisas’ que nos atravessam no dia a dia; a ética seria outro ponto que está atrelada ao nosso conviver, dentro e fora das paredes de uma universidade. A imagem de um paredão se tornou latente aos integrantes do eixo, definindo como nosso espaço um paredão de um dos lados do bloco de Artes Cênicas. As roupas utilizadas, eram do acervo do curso, remetendo aproximadamente da década de oitenta a noventa. Usando de dois set lights para iluminar a ação.

A ideia de erro como título do experimento, faz uma analogia aos temas discutidos e exercitados, através da quebra da definição da palavra, que está atrelada a consequência de algo mal feito, sem planejamento, sem conhecimento. Apoiado na oposição dessa definição, o erro neste caso esteve presente como ignição ao conhecimento, acionando outra perspectiva para o objeto.

¹⁰ Uma característica do teatro épico de Bertold Brecht, um efeito de se afastar da realidade apresentada, modificando a imagem visualizada.



Figura 6 - Local onde foi realizado o erro.

Uma ação que iniciava com a mostra dos protocolos confeccionados nas aulas e finalizava com o “erro aberto” no lado de fora do núcleo de artes cênicas. Exumando o processo de ensino que percorremos ao longo do primeiro semestre do ano de 2014. Definindo o conhecimento como um saber processual e atemporal; e que a ética não esteja atrelada nem ao princípio de bem e mal, que ela esteja inserida no campo das relações com homem e com o mundo, podendo ser alterada por seus atravessamentos como lembra Fuganti.

Na finalização assistimos juntos, professor, alunos e espectadores, um vídeo que vem ao encontro com esse pensamento de abandono. Antes das minhas últimas palavras, convido o leitor neste momento a partilhar de alguns minutos assistindo o vídeo *Suicídio.flv*¹¹. Em queda livre abandono esses procedimentos de ensino, para que outros possam ser criados e/ou recriados. [Apago o cigarro na sola do sapato e saio da sala.]

¹¹ Vídeo *suicídio.flv*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EquyK5eKtNw>>. Acesso em: 01 de maio de 2015 as 15h e 30min.

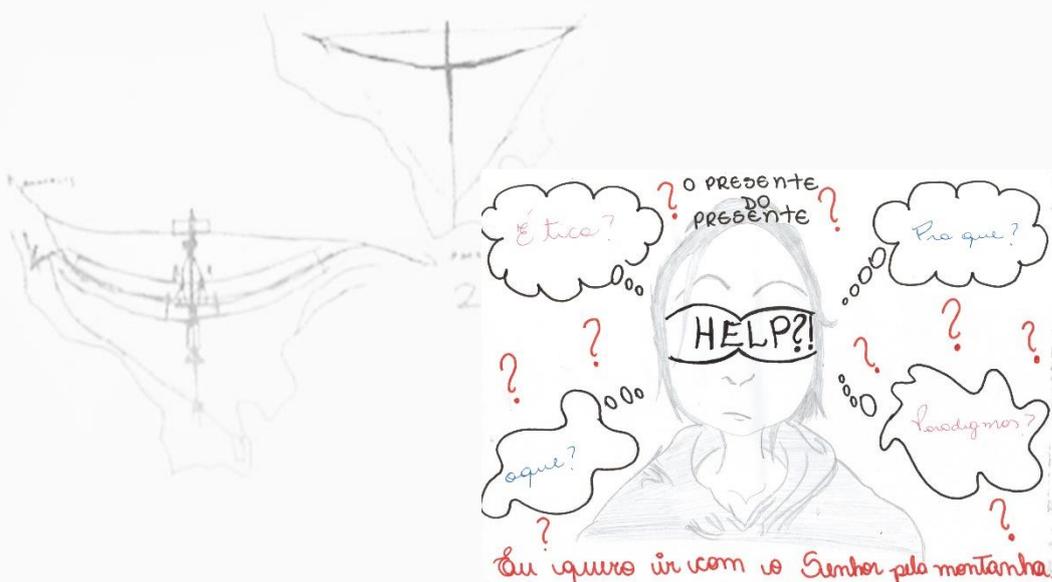


Figura 7 - Aluno Caio Rojas em imagem sobre a disciplina.

Referência Bibliográfica

AGAMBEM, Giorgio. **A comunidade que vem**. Lisboa: Editorial presença, 1993.

BRECHT, Bertolt. **Estudos sobre teatro**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1978.

FABIÃO, Eleonora. Corpo cênico estado cênico. **Revista Contraponto**, Vol. 10 - n. 3 - p. 321-326 / set-dez 2010

FUGANTI, Luiz. *Ética como potencial e moral como servidão*. Acesso em: <<http://escolanomade.org/pensadores-textos-e-videos/fuganti-luiz/etica-como-potencia-e-moral-como-servidao>>. 01 de maio de 2015.

SANTOS, Boaventura de S. **Um discurso sobre a ciência**. Coimbra: Edições Afrontamento, 7ª ed., 1987.

Recebido em 21/02/2015

Aprovado em 25/05/2015

Publicado em 26/08/2015